



ASSIGNATURAS

Anno 8\$000
Semestre 5\$000
Numero avulso 200
atrasado 30

PUBLICAÇÃO SEMANAL AOS DOMINGOS

Redacção—Travessa Dr. Simplicio Mendes

Officinas—Rua Olavo Bilac.

Endereço telegraphico. —ARREBOL.

ARREBOL

PERIODICO LITTERARIO, INDEPENDENTE E NOTICIOSO

—(FUNDADO EM 15 DE NOVEMBRO DE 1914.)—

Redactor-Proprietario ANTONIO PRADO DE MOURA

Redactor-Secretario ANTONIO NEVES DE MELLO

REDACTORES AUXILIARES:

Hercinio Parentes Fortes, José Raymundo de Vasconcellos e Jesus Medeiros.

§ Aceitam se publicações litterarias e de interesse para o Estado, e bem; assim annunci- os de todos os lamen- nhos mediante previo § ajuste.

§ Os assignantes des- ta tolha gosarão o a- batimento de 10 % em qualquer publica- ção

§ Toda corresponden- cia deverá ser endere- çada ao Redactor-pro- prietario.

O Arrebol

O ESPIRITO DO FUTURO ESTÁ ONDE ESTÁ O GORAÇÃO DA SOCIEDADE.

LAMARTINE.

«O Arrebol» entra hoje no seu 10.º anno de existencia e de co-participação na vida social em suas multiplas manifestações.

Não é dado a todos conhecer de perto a vida de um jornal. Entre os que a conhecem, esses nove annos decorridos, representam, um esforço colossal, um tal desprendimento de energias vitaes, que só uma vontade renitente e um espirito fortemente combativo, vencerá

Essa energia e essa força de vontade, possui Antonio Prado de Moura, o fundador deste jornal e nosso chefe e orientador.

Quando da fundação d'«O Arrebol» em 1914, n'uma situação imprevisita e angustiosa, devido a guerra que rebentara no Velho Mundo, foi fundado este jornal, o frio pessimismo que abate a alma de todos os piauihyenses, explodiu, na expressão amarga de uma desillusão infinita:

—Não durará...

Durou, viveu, sentiu o passar do terrivel cataclismo que submergiu a velha Europa, n'um mar de sangue, n'uma tempestade de ferro, assistiu o desencanear-se dos mais tremendos vendavais politico-sociaes, que se succederam neste começo de seculo; viu o resurgimento de novas forças e de novas energias; seguiu passo a passo, a concatenação dos acontecimentos que synthetisarão a vida politica e social do Estado e, impassivel, sereno, continuou a



ANTONIO PRADO DE MOURA (PINTASILGO)

acompanhar a rota modesta e brilhante que traçara em seu programma inaugural.

Sim. Si elle conseguiu resistir impavido, ao desmoronar-se desses contraditórios acontecimentos, e resurgir resolutu e firme na senda encetada, deve ao esforço de Antonio Prado de Moura, que a uma alma de artista, junta o seu immenso devotamento a terra piauihyense.

Nas columnas deste jornal tem feito tirocinio brilhante, muitas intelligencias que por aqui se estiolavam, acabando por desaparecer.

Nessa lucta gigante que encetamos, sempre tivemos em mira, excitar e facilitar o nosso desenvolvimento intel-

lectual, que sempre retardado e ephemero, escabuja-se n'um indifferentismo que desconsola, estiolando as mais nobres aspirações e prendendo n'uma anesthesia fatal o vôo das almas sequiosas de um Ideal artistico.

Theresina resentia-se da falta de uma folha litteraria que revelasse ao publico, os thesouros de sentimento e de arte que infelizmente, a falta de encitamento e coragem, fenecem ante uma dificuldade que se lhes antolha insuperavel.

Publicando o retrato de Antonio Prado de Moura, nada mais fazemos, do que prestar-lhe uma modesta, porém sincera homenagem que

o seu affecto e o seu esforço tenaz pelo «O Arrebol» mereceram.

Possuindo typographia propria e entrando, hoje, em uma nova phase que se nos representa brilhante e duradoura, «O Arrebol», acha-se aparelhado para entrar em novas luctas, em busca de novas idéas. E é por isso que se confraternisa com os seus distinctos assignantes e leitores em geral, os quaes num gesto louvavel e encorajador o tem auxiliado a continuar a marcha encetada.

Eça de Queiroz e o Naturalismo

II

A leitura de meu artigo anterior engendrou no cerebro de alguns de meus collegas, a supposição de que ainda sou, um dos renitentes adeptos do piégas romantismo. E' engano. Não peço, está patente, os sedichos e intoleraveis retratos do romantismo decadente, como tambem, não peço as imagens putridas e as photographias degradantes do naturalismo obscenamente requintado; pelo contrario, se alguma cousa existe, por menor que ella seja, que possa ser conscienciosamente tomada em proveito da imaginação e da arte, não ha de ser certamente o naturalismo, como não ha de ser o romantismo e, sim um meio termo que não attinga nenhum dos extremos das escolas.

Sei que naturalismo e romantismo tendem para a decadencia fatal que lhes foram impostos pela arte, pelo bom senso, pelo pessimismo entranhado da geração contemporanea e pela tristeza angustiosa que comprime a humanidade, neste seculo de degenerescencia politica e social.

Mas para que negar? E' uma verdade certamente dolorosa que o naturalismo ainda continua a dominar e a vencer, espalhando por entre os que precisam de consolação e não de tortura, de illusão e não de verdade, de esperanças e não de desenganos, a sua acção nefasta e fatal.

Os escriptores naturalistas já não percebem, como nunca perceberam, as relações simples e naturaes das cousas; adstringem-se meramente ás minucias carecidas de importancia, em que a banalidade corre a par da grosseria litteraria; não se aventuram a atacar com energia e com fé os vícios de uma sociedade pervertida, os costumes de um povo degradado; e, pelo contrario, sobrecexcitam-nos pelas suas pinturas geralmente obscenas.

A quem cabe a culpa? Ao romantismo? Não. Este eu o julgo menos pernicioso, porque se elle não satisfaz mais as exigencias da arte, tem o dom, ainda consolador de satisfazer as exigencias das almas, quiza das almas ternamente platónicas.

E o naturalismo?

Se relançarmos os olhos pelas obras dos mais consagrados representantes do naturalismo (sejam elles um Zola, um Balzac ou um Flaubert) vemos que elles se deliciam em mostrar-nos caracteres realmente pathologicos. As mulheres são prostitutas e adúlteras que rom-

pem as leis sociais em busca de aventuras degradantes; os homens são assassinos e ladrões, embusteiros ou tolos. Não é só. As suas personagens, aquellas que mais interesses nos dão, têm o lugar fatalmente marcado nas prisões ou nos hospícios, porque parece que elles se comprazem em retratar a escoria de uma sociedade, os prostibulos e as tabernas de uma população, os vícios e a degenerescencia de um homem.

Essa litteratura é um corpo sem vida que se prutefaz, é um organismo morto que carece de alma. Firma-se nos mais baixos instinctos sociais, colleia-se por entre os degenerados representantes de uma raça, colla-se a materia bruta e insensivel a plastica, e, afinal, só procura satisfazer e marcar a necessidade de situação extremamente violenta, forte, terrivel.

Penso que a missão do escriptor não é essa, não é mostrar a parte cancerosa de nossa sociedade. Para isso, basta-nos o nosso sentido intuitivo. Para vermos cousas tristes e repugnantes, procuramos as tabernas, visitamos os hospícios e hospícios, vamos aos bairros onde accumulá-se a classe da rale, onde o bem estar é uma mentira, e a nudez e a fome a realidade medonha e sem meio termo.

O papel da boa litteratura é satisfazer a alma; é ser

o seu pão espiritual. A obra d'arte não pode deixar de ser senão a realidade, mas não a realidade na sua nudez monstruosa, mas esta mais ou menos modificada pelo espirito do artista. Ser artista, não é saber copiar a natureza tal qual ella se apresenta, porem, amolga-a ás exigencias da arte e ás necessidades da alma.

(CONTINUA).

ANTONIO NEVES

O TROVADOR



Ao OCTAVIO REGO.

Pelas estradas floridas passava o poeta errante cantando ás aves nos ninhos, á natureza pujante, a Deus e aos astros. Era livre como os passarinhos que voavam de árvore em árvore, de flor em flor. Nenhum desgosto lhe obumbrava a fronte alva. Caminhava aqui, além e em torno de sua pessoa juntavam-se os componêzes maravilhosos ao ouvir em extase, aquelle cantor desconhecido que imitava o gorgoleio dos rouxinôes, o rugido das léguas bravias, o arrúlo das pombas mansas. Orpheu com a sua lyra talvez não fosse tão divino. Sua dor-mida era debaixo dos alpendres, ao relento. Quando raiava a aurora, elle acordava e sahia a palmilhar os caminhos e as estradas.

E a fama do trovador cor-

ria pelas terras alôra, se alastrava e crescia. Uma vez, á noite, a formosa filha de um castellão estava á janella do seu quarto, a olhar embevecida as estrellas que scintillavam na alvura do céu immaculado. Subito ouviu ao longe um som muito vago, indeciso, melodioso, como o trinado de um passaro que estivesse cantando na doçura do ninho macio.

Depois o som foi subindo, muito alto, vibrante e emfim uma catadupa de sons, de harmonia, irrompeu do silencio da noite adormecida. A filha do castellão ficou estatica como num sonho, como se estivesse num paiz ignoto, muito bello, de vida espiritualizada.

Quando a melodia parou, ella chamou o pae e pediu, implorando: — «Senhor meu pae, eu quero nas alamedas do meu jardim aquelle cantor divino».

O senhor do castello mandou chamar incontinentemente aquelle que tanto impressionara o sensível coração da filha.

Quando o teve á sua presença disse: — «Diverte minha filha, fal-a feliz a troco de tua arte. Ah! tens ouro».

E metteu no bolso do trovador um punhado de moedas, que scintillavam.

Passaram-se dias. O trovador, o cantor errante tornara-se o idolo do castello. Era servido de joelhos pelo creados submissos, banha-

Folhetim d'Arrebol (16)

CAIO SALUSTIO

Rosas do Sertão

III

Procurei um lugar mais isolado e sentei-me. Depois, como obedecendo a um impulso instinctivo, lancei um derradeiro olhar á cidade que ia abandonar, como o beduíno lança um ultimo olhar de saudade ao oasis do deserto, onde saciou a sede e repousou das fadigas de sua jornada.

Ao longe, envolvida pela penumbra da manhã nevoenta, pareceu-me devulgar Clara, fitando-me com os seus grandes olhos brilhantes, cheios de um uma inf-

hita ternura, a exprobar-me mudos e docemente a minha ingratição, enquanto, debilmente, chegavam aos meus ouvidos, trazidas pela suave brisa da manhã, as suas palavras autoritarias.

— Retire-se e quando se arrepender venha pedir-me perdão que me hei de mostrar mais generosa do que você.

Deixei-me escorregar lentamente para a cadeira e desatei a soluçar. Uma angustia entranhada e forte, fazia-me soffrer horri-

Estive por muitas horas, sob o dominio desse acesso de dor moral, até que dominado-a, voltei a olhar da estreita janellinha. Estes movimentos instinctivos, eram feitos independentes á minha vontade, eram os fructos de um cerebro morbido, em que as sensações psychicas pungentes se succediam ininterruptamente.

Volvendo a olhar pela janella pareceu-me vel-a, na mesma posição, com o seu olhar infinitamente terno e a sua reprovação muda. Mais distinctamente, chegavam aos meus ouvidos as suas palavras que se tornaram o meu maior desespero. Afigurou-se-me que ella sacudia-me a mão, talvez, (o que não pude bem compre-

hender) si n'uma despedida doce e terna si num chamado angustioso. Não pude mais me conter, desci apressadamente a rotula, peguei em minha mala de mão e ia sahir, quando um passageiro avisa-me delicadamente:

— O Sr. esquece-se de locar a sineta que avisa ao machinista. Já ha, aproximadamente, tres horas que o carro anda e, por aqui por perto não ha nem aldeias e nem povoações.

E como tocasse em meu braço, excitando-me a ir sentar, exclamou alvoroçado:

— O sr. escalda está com bastante febre. Não a sente? E' preciso desembarcar na primeira estação, porque dahi pode provir qualquer affecção complicada e perigosa.

GALERIA DAS MUSAS



No lago de Agrippa

A galeria imperial tem chapas de ouro e prata
A mórta transparencia azul do céu sem bruma;
Fulguram pela quilla as perolas da espuma
No estovisco de luz, sem fim, que o Sol desata.

Sob o volum de purpura as aves cantam n'uma
Harmonia brilhante e negra de volata,
Palpam membros n'as e a belle aristocrata
Das damas, no ambiente, em nardo se perfuma.

A palmeira africana e o egypcio nelu n'bo,
O cactus cor de sangue e o louro cor de cinz'bo,
O marmor da Mymidia e o marfim de Ceylão,

Se misturam a bordo em todos os malizes
A preséncia de Júpiter e de Isis,
A's imagens de Zeus, de Astréa e Pigmallião.

ABDIAS NEVES.

Do «Velario»

Crucifixo

Quisera eu ser o Christo d'ouro feito,
Que oscilla tão de leve no collar,
Sobre a carne balsâmica do peito,
Da mulher que me fez apaixonar.

Ah, se eu fosse, pudesse eu mesmo ser
Aquelle Christo que ella vai beijar,
Eu seria feliz, mas sem morrer
Porque elle morto e n'oa pode olhar.

Vivo, bem vivo quero ser pregado
Naquelle pequenina cruz de amor,
Onde está o Christo já crucificado,

Mas antes, meu desejo pede e fala,
Que me deixem o corpo imerso em dor
E os lábios solem só para eu beijal-a

CASTELO FILHO

da D. Atty. Monteiro incapaz
sua em explicações d'altitudas
e larg' comprehendíveis.

A pequena Anna Fraet-co
de Assumpção fez uma figura
bem brilhante, causando
admiração ao nosso representa-
nte e ao Sr. Intendente
Municipal e a p'choso Cpt.
Paz Fuhj honora de imena-
tiva e a quem innumerables cro-
anças pobres de um um ad-
iantamento notavel.

A D. Atty. Monteiro e D.
Esther Couto, especialmente
ao Cpt. Paz Fuhj, nossos
parabens por tão grande tri-
umpho alcançado.

1 JARRO DE BARRO POR
QUINHENTO REIS VENDE
JOSE BROXADO LAPPA

TELEGRAMMAS

Devido não ter chegado
ajuda, nosso serviço telegra-
phico como esperavamos,
deixamos de dar no presen-
te numero o mesmo, o que
faremos logo que nos seja
remettido aquelle, para o que
já tomamos varias providen-
cias, que cremos serão coroa-
das de exito.

Assim, pois, que nos des-
culpem os nossos leitores,
aguardando por estes dias o
resultado dessas providen-
cias.

ELIXIR DE INFLAME
E' o mais preferido dos de-
purativos do sangue.

O MARTYR DE
PORTO CALVO
(CALABAR)

A meus irmãos pequenos
e ás crianças estudiosas de
Theresina.

A Historia de Calabar, ma-
doas sobre de leuros os que
pouco fizeram e obscurece o
mérito dos verdadeiros her-
oos.

Micklelet.

Eles me humilharão, elle-
me enforcarão, elles me in-
sultarão e depois de morto,
mas eu ficarei satisfeito com
este sacrificio, e serei o pri-
meiro brasileiro que morre
pela liberdade patria.

Porto Calvo julho 165.

Calabar

Escrever a Historia com
partidarismo é trahir a Pa-
tria e escartice da Verdade.

Calabar! o infame traidor
de nossa Patria E' esta blas-
phemia o brado inconscien-
te com que meus irmão-
sãos se referem ao martyr
de Porto Calvo. Isso magña
a minha sensibilidade de mo-
ço patriota e estudioso. Sin-
to na alma a dor de uma bofe-
tada atirada á silhueta vene-
rada de um irmo que, ha
quase dez seculos, se imo-
lou por nossa Patria com o
estioicismo dos facinados. O
seu sacrificio foi dos maiores
que eu conheço na Historia.
Luctou desesperadamente
mais de tres annos, contra a
escravidão dos musculos e do
cerebro que impunham á ter-
ra onde nasceu e depois se
entregou ao carrasco, cons-
ciente de sua execução, para
salvar a vida de 380 compa-

nhentos! Que exemplo edifican-
te! Quanta grandeza! Quan-
to sacrificio! E os seus ir-
mãos esconjuram-no pela
bocca perfumada e rissonha
das crancinhas! Parae! E'
tempo de reparar uma accu-
são infame. Afastemos de
ao redor deste vulto de sa-
crificado os respingos de la-
ma com que a injustica e a
ignorancia profanaram a sua
memoria, e exponhamo-lo,
radiante de heroismo e de
nobreza ao juizo imparcial
da Patria extirpada. Ensi-
nae ás crancinhas, senhores
professores, que Calabar não
nos trahiu e o seu sacrificio
foi maior que os de Felipe
dos Santos e Tiradentes.
Agasalha-o, em bém da Jus-
ticia, no relicario palpitante
das homenagens intantis. In-
suaar o contrario, é burlar
a Historia, é marear o doi-
rado de uma coroa de heroe,
é ultrajar uma memoria di-
gna de carinhoso e respeitosa
veneração.

Estu temos os
**ANTECEDENTES DA IN-
VASÃO HOLLANDEZA.**

A invasão hollandeza não
teve por bitola, como erra-
damente se diz nas escolas,
a pilhagem nas terras do No-
vo Mundo. Foi antes uma
guerra de «politica oceáni-
ca» e que se impunha para
desagravo da Civilisação na-
quelle tempo. A maior parte

das nações européas estavam
empobrecidas pelas guerras
constantes, ora intestinas,
ora com estrangeiros. A In-
glaterra convalescia da lucta
York Lancaster. França,
Alemanha, Austria, Espanha,
Dinamarca, Suecia, debatiam-
se, de modos differentes,
com as guerras religiosas. A
Hollanda erguia-se eifficilmen-
te da sua peleja titanica de
liberdade. Enquanto os dito-
sos povos da peninsula Ibe-
rica, impunham, avarentos,
o monopolio de suas colo-
nias invejadas, refestelando
se com os lucros phantasticos
de seus dominios, em que
não havia occasos. Era
isso de ingente e intoleravel
prejuizo para o commercio
europeo que se via na immi-
nencia dolorosa da falta de
materias primas para as suas
manufacturas de materiaes
para as suas construções, de
povos para o intercambio
de seus commercios. «Um
rei francez, escreve João Bi-
beiro, dizia com espirito
nunca ter lido a verda tes-
tamentaria em que Adão le-
gára o mundo aos espanhóes
e portuguezes.» Nestas con-
dições a reacção era liberta-
dora e civilisadora, portanto
necessaria.

J. MÁTTOS

(Cont.)

LIVROS dos melhores es-
criptores encontra-se na LI-
VRARIA SANTOS.

O sabiá da matta

Naquellas tardes límpidas e frias
No soar do sino, ás Ave-Marias,
Cantava sonoro minha tristeza
O sabiá da matta soluçante
No meu coração agido vibrante
D'uma lyra antiga de belleza.

E eu dormia, mas, em ti pensando
A tua vida que passas cantando
Na mansidão da noite e do dia
Felicitando canticos nas côres:
—Vermelhas, brancas, pretas e das flôres
E de tudo quanto mais sabiá.

Trazia-me um cheiro de canella
Junto a mim, trepado na janella,
Vendo passar as candidas meninas
Naquella noite, que se festejava
São Francisco, na Igreja estava
Coroado de rosas, e buniñas.

Depois deitava-me entrestecido
Com o sabiá, allí aborrecido
No meu hombro, sorrindo seu cantar,
A minha vida pobre sem amôres,
Aguardando o tempo de fulgôres
Na correnteza que irá passar.

LEOCADIO TARGINO.



SENADOR ABDIAS NEVES

Transcorre a 19 a data natalícia do senador Abdias Neves, uma das figuras mais representativas do nosso Estado.

Por simples e banal que nos possa parecer o facto de um anniversario, extra ordinario é o seu alcance moral quando se trata de um homem da envergadura do senador Abdias Neves, porque isso equivale affirmar a rigida persistencia, serena e indomavel de um incansavel batalhador, forte na lucta e um dos expoentes mais elevados da intellectualidade piauiense. Historiador, poeta, romancista, philosopho e jurista, elle tem abrangido os diversos ramos

da sabedoria humana, realçando em todos elles o seu talento de artista.

Abraçando principios sem ter em vista homens, accetando doutrinas sem medir interesses, superior e nobre, é sempre o seu mais restricto objectivo a collimar em qualquer assumpto, como nobre e superior são a firmeza de suas idéas e a segurança de suas convicções.

No senado, Abdias Neves tem sabido collocar-se em uma posição de destaque, procurando elevar o nosso Estado com o seu trabalho e a sua inquebrantavel energia.

«O Arrebol» que se ufana de contar no senador Abdias Neves, um amigo, envia-lhe os mais sinceros parabens.

CHOCOLATE, LEITE, CAFE', qualquer hora do dia e a noite até ás 21. Vende José BROXADO LAPPA. CAFE' S JOSE' - R. BELLA.

SOLICITADAS
O DIREITO E O DEVER
NA ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA

O direito como principio philosophico, sobre que assentam os alicerces para a ad-

ministração, e o dever como função do agente administrativo, embora de interpretações diversas, se prelem se nem, se completam, pois que o segundo é corollario do primeiro.

Regulamentada a administração publica pelo principio juridico, objectiva-se o direito da autoridade administrativa no exercicio effectivo do cargo, donde o dever na acção criteriosa para que sejam collimados os fins a que tende alcançar.

Nenhum representante do Poder Publico na função directora de «serviços», que lhe são confiados, como guarda avançada mantenedora da sua integridade, tem o direito de fugir ao dever do cumprimento da norma juridica, que lhe foi ditada pela natureza dos serviços sob sua direcção. E; no entanto, o dever funcional em pleno exercicio de acção lhe patenteia o direito incontestado do respeito á sua autoridade, sugerindo a disciplina e a ordem para a boa marcha dos serviços que constituem, por excellencia, os interesses vitaes do Estado.

Encarados os poderes sob esse aspecto, não podem deixar de ser harmonicos, autonomos, respeitadores entre si os actos administrativos, e nas relações officiaes de todas as autoridades—chefes de serviço, deve haver a comprehensão mutua do dever de cada um, decorrente da lei que lhes confere as attribuições, para que a reciprocidade de respeito se objective dentro do circulo de acção que lhes traçou o proprio cargo em que exercitam a sua actividade.

Dois casos concretos deram causa ao presente artigo, onde são emittidos conceitos que devem calar no espirito de seus promotores, ou pelo menos advertilos para que se jam mais ponderados nas suas attitudes, e, para nossa satisfação apresentaram-se em um ambiente todo favoravel ás duas autoridades postaes nelles envolvidos.

O primeiro caso tem por scenario a capital do Oginguquo Piahy e são protagonistas o administrador postal e o delegado fiscal. Aquelle mantem-se dentro do circulo das attribuições que lhe confere o regulamento postal, e procura cumpril-o por meio do respeito e da cordura este, na attitude incomprehendida de superior hierarchico, tenta annullar a lei reguladora do serviço postal.

E se exalta, e se empenha em uma lucta em que lhe sobrasse a razão, quando lhe follecem os meios probatorios da sua causa ingloria. Como

um naufrago em mar encapellado a clamar por socorro para todos os lados, telegrapha aos titulares da Fazenda, Justiça e Viação relatando a seu modo o facto e para elle pedindo providencias que não cabem, e, não contente, encaminha a queixa contra a autoridade postal para o poder judiciario federal, competente na especie.

Da fallencia de razões para o seu caso, dizem bem alto a impronuncia sentenciada pelo Juizo Federal e a circular 56. do ministro da Fazenda, publicada a pagina 24.528 do «Diario Official», do 4 de setembro fluente.

O segundo caso se verifica entre o administrador postal e o inspector de portos no Estado do Espirito Santo.

De feição diversa e do maior agravo para o antagonista da autoridade postal, que faz ressaltar a sua attitudede ponderada dentro do circulo do respeito á lei, este caso apresenta o caracteristico da ausencia do (quid) administrativo por parte do inspector, que deice a modalidade surprehendente da paixão pessoal, investivando uma corporação inteira na pessoa de um humilde executor de ordens de boa disciplina, e, mais do que isto, agente obediante das normas legais, capituladas no regulamento que baixou com o decreto 14.722, de 18 de março de 1921.

(CONTINUA.)

ELIXIR DE INHAME
Depura--Fortalece--Engorda.



Dr. Euzébio Lutz

Rio O. do Sul — Uruguay

Attesta que tem empregado, sempre com resultado, em sua clínica, o Elixir de Nogueira do Pharmaceutico Chímico João de Silva Silveira.

Santos & Noronha

(SUCCESSORES DE LEOCADIO SANTOS IRMÃO & COMP.)

CASA FUNDADA EM 1852

End. telegr.—CRUZ ☞ Cod. telegr.—RIBEIRO

Constante e variado sortimento de fazendas geras, miudezas, terragens, tintas, oleos, loiças, estivas & c.

Proprietarios da PHARMACIA CRUZ; Drogas e productos quimicos dos mais afamados fabricantes nacionaes, americanos e europeus.

Especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras. A direcção interna está a cargo do Pharmaceutico Raymundo Gil da Silva Santos.

Mantem um consultorio medico confiado ao clinico dr. João Virgilio dos Santos.

Agentes, nesta capital da COMPANHIA ALLIANÇA DA BAHIA (seguros maritimos e terrestres.) Banqueiros neste Estado da EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL (sociedade de seguros mutuos sobre a vida.)

RUA SENADOR THEODORO PACHECO N. 44

Manoel Saraiva de Siqueira

RUA DR. ALVARO MENDES — END. TELEG. LUCTADOR

Neste estabelecimento commercial, encontram-se a venda por preços razoaveis innumerous artigos de primeira necessidade, taes como: Café, assucar, sabão, kerozene; Doces: Bananina, marmelada, goyabada e Lenitivo «Paz e Amor»; Bebidas—Cerveja Fidalga Teutonia, cognacs nacionaes e estrangeiros; Vinhos de varias qualidades, Quinado Constantino, Vasconcellos, Borges e Lagrima de Quina; Para meza: Douro Clerête; Manteigas: Diamantina e A. B. C; Azeite doce nacional e estrangeiro; Macarrão, Chà da India, Vellas, Carborêto, Alvaiade, Pó de Sapato, Seccante, e Verde Francez, para pinturas. Confeitos de diversas marcas.

Além destes artigos, encontram-se ainda completo sortimento de estivas, proprios para serem enviados aos freguezes do interior.

Uma visita a casa de MANOEL S. de SIQUEIRA ficareis satisfeitos.

Funilaria Therezinense

— DE —

ANTONIO FERNANDES PEDRO

Montada com machinas e aparelhos proprios para a confecção de toda especie de obra, de FLANDRE, ZINCO, COBRE e outros metaes. Especialista em alambiques, tachos, ou qualquer serviço de cobre. Tem sempre em deposito grande quantidade de obras feitas, onde nesse meio encontram-se as apreciadas BACIAS DE CANIVAO as melhores e de maior duração. Aceita qualquer encomenda para o interior garantindo perfeição e rapidez no trabalho.

Theresina, rua Elyseu Martins, predio onde funcionava a empresa telephonica.

O que o doente sente com o uso do ELIXIR DE INHAME

Com o tratamento pelo ELIXIR DE INHAME, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite aumenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.



REFORMA - FORTALECE - ENGORDA

A venda em todas as Pharmacias e Drogarias do Brazil e Republicas Sul-Americanas.

ELIXIR DE NOGUEIRA

Cura



Latejamento das artérias do pescoço.
Inflamações do útero.
Corrimento dos ouvidos.
Reumatismo em geral.
Amarelão da pelle.
Affecções de fígado.
Dor de cabeça.
Tumores nos ossos.
Cancros venereos.
Gonorrhéas.
Carbunculos.
Fistulas.
Espinhas.
Reticulismo.
Flores brancas.
Ulcéras.
Tumores.
Sarna.
Crisidas.
Escarabulhas.
Dartros.
Bubas.
Bubons e, finalmente todas as moléstias provenientes do sangue.

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

CANOS, CALHAS de todos os systemas e feitiços, bem feitas e seguras, preparam-se com rapidez, somente na «Funilaria Therezinense» de Antonio Fernandes Pedro a RUA ELYSEU MARTINS, em frente a casa Joca.

Padaria Industrial

— DE —

ANTONIO DIAS DOS SANTOS

RUA CEL. LYSANDRO NOGUEIRA

Estabelecimento especialista em satisfazer ao publico em geral.

Padre Nosso aos seus freguezes.

Freguezes nossos que estades atrazados, equilibrado seja o vosso credito, venha a nós o vosso cobre tanto na rua como na padaria, seja feita a vossa vontade com o pão nosso, Bolachas soda, Agua e Sal, e biscoitos ZEBU, por nós manipulados, que vos servimos; perdoae as nossas exigencias, assim como nós perdoamos as vossas amarguras, não nos deixeis cahir em alzo com os nossos compromissos, mas livraenos dos calotes cruéis.
Amen.

SE QUIZERM QUE SEUS ANUNCIOS SEJAM LIDOS POR TODO MUNDO VENHAM CONTRAFAR AQUI NESTE JORNAL.

LOUÇAS DE BARRO

Unica casa que tem sempre em deposito—«Mercearia S. José, de José Broxado Lappa—RUA BELLA.

Maes, mandae à Pharmacia comprar a «Lombri-gueira», que tão infallivel é para a expulsão dos vermes.

BARBEARIA IDEAL de GUILHERMINO LIMA Travessa Ruy Barbosa.

LEIAM E ASSIGNEM O ARREBOL.